

UM MODELO DA GENEALOGIA MÍTICA

Donaldo Schüller

Hesíodo menciona no início da Teogonia, quatro princípios antropomorficamente divinizados: o Vazio, a Terra, Eros e Tártaro. Embora os versos que enunciam o Tártaro se localizem com mais propriedade em outro lugar, não os cancelamos aqui por duas razões: repetições fazem-se usuais na épica arcaica; Vazio e Terra, Eros e Tártaro organizam-se em expressiva constelação. Dispomo-los assim:

Terra	Vazio
Tártaro	Eros

Instale-se na coluna da esquerda (Terra, Tártaro), você estará no território do sólido. Olhe para a esquerda, você verá o não-sólido (Vazio, Eros). Mantenha na memória este par opositivo, ele abre duas linhagens que atravessam a Teogonia do princípio ao fim. Imagine-se estabelecido na Terra. Se você olhar para baixo, verá as regiões sombrias do Tártaro. A superfície iluminada que você escolheu oferecerá contraste a regiões tartáreas, sombrias, morada dos mortos. Superfície-abismo, luz-sombra, alto-baixo estendem outras linhas opositivas, ativas no poema. Desça ao Tártaro, o lugar dos que já partiram, você terá a seu lado Eros, a energia vital e experimentará o contraste vida-morte. Se você migrar para Eros, terá acima de si o Vazio. Se Eros é o que atrai, o Vazio é o que propicia as separações, donde resulta a antítese atração-separação.

Esse primeiro esboço infirma os que têm o mito como um acervo de narrativas estranhas e desconexas. Surpreendemos, ao contrário, um sistema rigoroso que não se apequena, aproximado de conjuntos cautamente elaborados. Semelhanças e contrastes amarram o todo, impedindo que as peças declarem autonomia. A pluralidade, mesmo em estado de gestação,

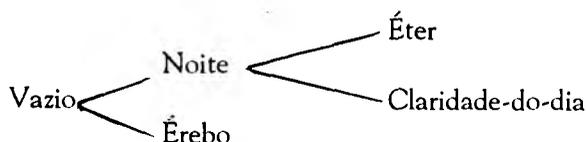
sujeita-se aos vínculos que decretam a unidade. Estabelecidas estão as leis que hão de acolher a prole abundante, gerada pela Terra. Nenhum dos pólos que você percorreu é dispensável. A terra, para criar, necessita do Vazio. Sem a fenda que o Vazio introduz entre uma coisa e outra, não se concebe a passagem do uno múltiplo. Num universo só regido pelo Vazio, nada manteria o vínculo entre os entes que se desprendessem do fundo comum. Sem Eros, os fragmentos navegariam indiferentes para lugar nenhum, e a própria noção de universo estaria perdida. Vazio e Eros se repelem e reciprocamente se exigem. O que um separa, o outro mantém unido. Surge assim um todo múltiplo e, não obstante, uno.

A vida não dispensa o Tártaro. Como ela poderia regenerar-se, não fossem os seres recolhidos pela morte, cumprindo o ciclo vital? Vinculado à vida, o Tártaro se apresenta como o lugar em que a vida se refaz. Ao Tártaro descem as raízes dos filhos da Terra. É de lá que extraem a energia necessária à vida e é para lá que reenviam a força que lhes permite viver.

Do Vazio apareceu Érebo e a negra Noite.
A Noite gerou Éter e a Claridade-do-dia.
Concebeu-os unida a Érebo em abraço amoroso.

Quem gerou primeiro, o Vazio ou a Terra, mencionada depois? O texto não esclarece a questão. As duas linhagens podem ter se desenvolvido simultaneamente. Como o autor ainda não domina a técnica de narração simultânea, a prioridade textual não estabelece prioridade cronológica.

A geração que procede do Vazio propõe um modelo que embasa a constituição do universo por inteiro. Visualizemos os descendentes do Vazio.



Começemos pelos extremos: Éter (clareza mais clara que a Claridade-do-dia) e Érebo (escuridão mais negra que a Noite). Compreendamos essa disposição antitética. Por maior que seja a distância entre Éter e Érebo, eles têm a mesma origem. Como Heráclito, mais tarde, Hesíodo se esforça por conciliar a pluralidade, antiteticamente disposta, com a uni-

meiro casal. Éter e Claridade-do-dia já são produto da conjunção dos sexos.

Como entender Tártaro, o ser masculino que personifica a noite mais negra que a noite? Procuramos resposta em um cantor da noite, Manuel Bandeira.

Noite morta
Junto ao poste de iluminação
Os sapos engolem mosquitos.

Ninguém passa na estrada.
Nem um bêbado.

No entanto há seguramente por ela uma procissão de sombras.

Sombras de todos os que passaram.
Os que ainda vivem e os que já morreram.

O córrego chora.
A voz da noite...

(Não desta noite, mas de outra maior.)

Que noite é maior que a noite? É a noite em que poste nenhum ergue pirâmides de luz, nem sapos engolem mosquitos, passos perdidos não assombram incautos, nem sombras se movem, não há córregos para chorar, nenhuma idéia atravessa a mente. Esse é o sono maior que o sono, essa é a noite maior que a noite, apenas imaginável nas silenciosas profundezas do Tártaro.

O mito cria um universo à medida do homem. As Musas reduzem o terror que os fenômenos da natureza causam aos que se defrontam com eles. Como suportar a sequência dia-noite sem nenhuma explicação? Como conviver com aquilo que os sentidos não revelam? O que está acima do dia e abaixo da noite? Ou devemos admitir que o universo não excede o alcance dos sentidos? Os gregos recusaram, desde o princípio, o universo apenas sensorial. Suspeitaram que o invisível prevalece sobre o visível e se empenharam em apanhar o que não se rende à percepção. Não contentes com a multiplicidade infinita dos fenômenos, buscaram compreender o sistema que rege o todo. Surpreendido o sistema, não seria difícil compreender o acontecido, o que está por acontecer e o processo em

desenvolvimento. O homem, quando surgir, deverá encontrar um mundo já estruturado, que se oferecerá a ele para habitação.

O que para nós se reduz a mero exercício intelectual faz-se genealogia na idade mítica. A genealogia concretiza o fluir do tempo, do passado ao futuro, passando pelo presente. Nada escapa à rede genealógica, e tudo se explica por ela, desde o mais remoto fundamento. Tudo é divino num universo fecundo e ativo. Quanto mais primitivos os entes divinos, tanto mais numerosa é a sua descendência. A importância dos ancestrais não fica diminuída com o número e o sucesso dos filhos. As qualidades manifestas no descendente mostram as possibilidades do ancestral. Assim, a riqueza do Vazio se desvenda nos seus filhos. O tecido das gerações se desdobra como um discurso. O desdobramento do poema corre paralelo ao desdobramento do mundo. Os substantivos próprios, como seres, estes e aqueles indissolúvelmente unidos, saem uns do bojo dos outros.

À maneira da palavra, o Vazio estende um véu entre o observador e o observado. Não havendo claridade que seja apenas claridade, impossível se faz a visão das coisas como elas realmente são. Não havendo noite totalmente noite, nada se manterá completamente escondido. Transparência e opacidade convergem. As Musas, por se originarem da noite, oscilam como o vazio entre o claro e o escuro. Os enigmas do mundo e o hermetismo do canto explicam-se por essa indecisão. Falar nenhum, por mais claro que seja, acontece em plena doação. Os corpos não arrancados da sombra garantem o fluir incessante do canto.

Na dialética de Hesíodo, os contrários não se justapõem apenas, eles também se sobrepõem. Hesíodo olha em profundidade. Vê a sombra sob a luz, como vê a luz sob a sombra. Vê luz e sombra misturados em graus diversos. Ao se distinguírem, de geração em geração, os contrários formam parselhas sem negarem a origem. O universo, além da horizontal, requer leitura em profundidade de quem não se contenta com a superfície visível das aparições.

Nessa dialética, a síntese é inaugural. O fim, se desejar recolher os opostos na unidade, terá que reencontrar o princípio, como o rio Oceano, que circundando a terra, desemboca nas suas próprias águas.

Conta-se, anota Octavio Paz, que na fronteira da Bolívia com o Paraguai vive uma tribo de poucos índios nômades. Dedicam-se à caça e à coleta de frutas. Finda a ceia, as mulheres se recolhem com os filhos, enquanto os homens se afastam isoladamente em várias direções e recitam para a noite cantigas épicas compostas na solidão. Estranho ritual, em que o discurso, não dirigido a ninguém, é devolvido ao silêncio. A noite, que

indiferencia na sombra formas distintas à luz do dia, apaga também as palavras.

Outra é a direção na Grécia. As Musas andam da sombra à luz, a Noite gera o Dia, a palavra sai do silêncio e fortalece o convívio dos homens.

Bibliografia

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro, José Olympo, 1966.

DIELS, Hermann e KRANZ, Walther. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Dublin/Zürich, Weidmann, 1966.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Anthropologie structurale*. Paris, Plon, 1958.

MAZON, Paul. Hésiode. Paris, Les Belles Lettres, 1960.

PETITOT, Jean. Approche morphodynamique de la formule du mythe. *L'Homme*, Paris, 106-107, abril/setembro. 1988.

PHILIPPSON, Paula. *Untersuchungen über den Griechischen Mythos*. Zürich, Rhein-Verlag, 1944.

TORRANO, Jaa. *Teogonia*. São Paulo, Massao ohno, 1981.

DONALDO SCHÜLLER é professor aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.